

Psicanálise e Cultura – seu objeto

CARMEN DA POIAN*

Como coordenadora, há mais de 15 anos, do curso “Psicanálise e Cultura” no CPRJ, gostaria, com o texto que segue, de esclarecer o caminho que sempre esteve implícito no estudo dos vários autores por onde o grupo – sempre constante – passou: Jean Pierre Lebrun, Dany Dufour, Christopher Lasch, Franco Berardi, Achille Mbembe, Gilles Lipovetsky, Byung-Chul Han, entre outros. Todos foram fundamentais na compreensão da subjetividade em contínua mutação e do sujeito, aquele que interessa à Psicanálise. O pequeno texto que segue é um resumo que visa esclarecer o que sempre esteve subjacente a esses debates.

Tema complexo que traz muitas abordagens e muitas reflexões dentro do contexto psicanalítico onde o que importa é o processo de subjetivação e suas transformações, Como considerar a subjetividade e a sua continuidade dentro de tantas mudanças socioculturais que trazem novos valores que moldam o sujeito juntamente com suas alterações genéticas e com suas diferentes histórias individuais?

Podemos falar em constância de uma estrutura subjetiva ou simplesmente em modos mutáveis de subjetivação? Como pensar a sustentação do sujeito e o alcance de um sujeito crítico, aquele que importa para a Psicanálise, na avalanche de novos padrões sociais constantemente em mutação?

Aqui seguem rápidas e simples considerações.

Numa *abordagem sócio-histórica* vemos que a partir da libertação do indivíduo do jugo do sagrado e da aristocracia, a História nos mostra um individualismo que se desenvolve ferozmente do século 18 até nossos dias. Do

* Psicanalista, Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ).

Iluminismo (dominado pela razão) passando pelo Romantismo (emoção), pelo Realismo (natureza), pela Modernidade (ciência), chegando à Pós-modernidade onde prevalecem a tecnologia, a liberdade, as incertezas e as fragmentações do indivíduo. A evolução histórica é fundamental para entendermos as transformações subjetivas em novas ordens culturais, entendendo a Cultura como presença no indivíduo daquilo que lhe é ausente, através da linguagem, da criatividade, do trabalho e da memória das tradições.

Hoje a “psicoesfera” (Cf. FRANCO BERARDI, “O terceiro inconsciente”) é invadida pela tecnologia, produzindo cada vez mais sujeitos fechados em si próprios, sujeitos fundamentalmente narcísicos, indiferentes ao alheio a si, levando à possibilidade do surgimento, cada vez mais disseminada, de sujeitos perversos.

A revolução individualista vai se desenvolvendo em várias etapas (Cf. LIPOVETSKY, “A cultura mundo”) chegando hoje a um tempo onde predominam as experiências do corpo, os automatismos, a expansão do cérebro, as neurociências que levam a substituir o ser vivo em suas funções específicas de controle conduzindo à criação de uma inteligência artificial.

O que vale atualmente é o processo, o fluxo, os informes, a fragilidade do instante que nos impede de pensar em algo tal como a constância da substância e em algo como universal. O indivíduo é, ele próprio, visto como mercadoria que para se manter viva precisa se “carregar” como uma bateria. O Outro é substituído por máquinas (celular, computador, redes, alexa), a imaginação pela visão e pelas sinalizações, o que mantém o sujeito em exaustão contínua.

O lugar da empatia como, por exemplo, lugar da transferência na relação analítica, se torna prejudicado (Cf. CHRISTIAN DUNKER, “Blog Christian Dunker”). A subjetividade fica mais ligada à matéria e não ao pensamento simbólico, o que coloca em questão o lugar das representações e do afeto e, fundamentalmente, a questão do movimento do desejo que aparece, então, sempre preenchido.

A cultura hipermoderna nos leva a pensar nos vários tempos do inconsciente no decorrer da História. Disto nos fala Franco Berardi indicando diferentes “psicosferas”: Um primeiro tempo onde o inconsciente tem a ver com o recalque e a neurose; um segundo tempo onde o inconsciente tem a

ver com a ansiedade e o pânico levando a estados esquizoides, a estados-limite e a psicoses, E um terceiro tempo onde predominam o corpo e o gozo e a recusa do sofrimento propriamente psíquico proliferando autismos e recursos neurológicos – o que leva ao desenvolvimento das neurociências. O inconsciente vai cessando de ser alteritário, constituído pelo encontro com o Outro, e o corpo biológico vai tomando o lugar do corpo erógeno.

Numa abordagem sócio-política, a partir do Renascimento a tensão entre indivíduo e sociedade faz-se maior e o indivíduo tentará não ser mais um escravo submisso ao sagrado ou à aristocracia e sim um mestre opositor. A ideia de liberdade aparece como valor político, econômico e educacional; começam também a surgir visões de mundo diferenciadas e distintas em classes sociais. Escritos de Locke, Hobbes, Rousseau, Voltaire vão dominando reflexões e levando a diferentes caminhos de transformação que resultam mais tarde – 1948 – na proclamação dos Direitos Humanos que visam o sentimento em relação ao Humano como sendo algo natural, na crença de que todos os indivíduos “ditos normais” seriam capazes de viver juntos tendo uma moralidade de autocontrole e percebendo os outros como iguais.

Ora, isto não aconteceu. Eclodem ideologias diferentes que vão do socialismo ao neoliberalismo, da tentativa de igualdade ao individualismo extremo, numa cultura narcisista onde a liberdade apaga o lugar do Estado e esvazia o sentimento do outro e do Outro levando o sujeito a se ver como “empreendedor de si mesmo” (Cf. MARILENA CHAUI, “Curso sobre cultura e movimento”) e não como membro da classe trabalhadora. Avançam a revolução industrial, as privatizações, o capitalismo financeiro, a revolução tecnológica desestabilizando o sistema natural do qual dependeria a vida em sociedade e que era defendida ingenuamente pelos Direitos Humanos.

E nesta nova fase sócio-política, até a Democracia é posta em questão em suas Representações e Instituições, colocando o próprio Estado em dúvida substituído por “big-techs”, poderosas empresas financeiras com grande força computacional.

Desenvolve-se a cultura de massa levando à transformação das subjetividades, dos sofrimentos psíquicos e da própria percepção da realidade (Cf. JURANDIR COSTA). Apesar de o individualismo se aprofundar, contraditoriamente, também se expande o tempo do “mínimo eu” (Cf. CHRISTO-

PHER LASCH, “O mínimo eu”) onde a sobrevivência psíquica de cada um é posta em questão. Predominam a ansiedade, a depressão, a sensação de fracasso e o sentimento de vazio. O indivíduo é engolfado no consumo de massa e nos algoritmos que o escondem e direcionam.

Tentar compreender, através da História e da Política, as transformações subjetivas em suas incertezas e inseguranças ao mesmo tempo que tenta se manter na luta constante por seu “eu”, este é o lugar da reflexão própria à disciplina Psicanálise e Cultura em seu objeto. Luta permanente na conjunção de identificações e identidades.

Para tanto torna-se aí necessário repensar a metapsicologia da psicanálise em seus conceitos básicos (inconsciente, pulsão, ego, princípio de realidade, narcisismo, corpo erógeno) e sua clínica (psicanálise clássica, psicoterapias com base analítica, psicanálise em grupo, escuta psicoterapêutica nas ruas, etc.).

Constata-se claramente o quanto a crise psíquica atual é fruto do desenvolvimento socio- histórico-político que produz o aumento das categorias clínicas e propicia novos estudos teóricos nos quais juntam-se a psicanalistas, historiadores, cientistas sociais e filósofos, alargando a reflexão sobre o próprio sujeito da psicanálise.

Maio 2025

Carmen Da Poian

carmendapoian@gmail.com

Rio de Janeiro - RJ - Brasil